



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

“CARTAS DE UN AMOR TRAICIONADO”: A REPRESENTAÇÃO DO UNIVERSO FEMININO

NÓBREGA, Laís de Sousa – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Orientadora: Dr^a Isis Milreu

Resumo: Nesta leitura nos propomos a realizar um estudo analítico do conto “Cartas de un amor traicionado”, publicado no livro *Cuentos de Eva Luna* (1989) da escritora peruana Isabel Allende, conhecida pela excelência de sua produção literária. Sua obra se enquadra no movimento literário conhecido como pós-boom. O interesse pela escolha do referido conto se originou em virtude de abarcar temas atuais, os quais podem ser relacionados com a nossa realidade. O conto relata a história de uma menina órfã que foi criada nos dogmas de um convento, pois o seu tio queria que ela se dedicasse à vida religiosa, já que os seus pais eram cristãos. No entanto, ela se recusa a seguir uma vida pautada nas ideologias do tio e casa-se com o seu primo, idealizando o amor construído através de dois anos de trocas de cartas. Somente depois de casada percebe que comete um engano porque o seu marido era machista. Nesse estudo, inicialmente iremos ressaltar os aspectos que caracterizam as obras de Allende e fazer algumas considerações sobre a literatura feminina. A seguir, examinaremos os elementos narrativos do referido conto. Também analisaremos a representação da protagonista Analia Torres e a problematização de sua condição feminina. Para realizar esse trabalho, nos apoiaremos teoricamente em alguns autores, tais como Canello (2008) e Zolim (2009).

Palavras-chave: “Cartas de un amor traicionado”, Isabel Allende, literatura hispano-americana contemporânea, universo feminino.

INTRODUÇÃO

Isabel Allende nasceu em 02 de agosto de 1942 em Lima, Peru. É filha do diplomata Tomás Allende e de Francisca Llona. Trabalhou como jornalista em periódicos, em revistas femininas e na televisão antes de publicar seus livros. Seus escritos foram influenciados por suas convicções feministas, seu compromisso com a justiça social e as duras realidades políticas do continente, as quais deram forma a seu destino. Além disso, foi colaboradora da FAO (*Food and Agriculture Organization*) em Santiago do Chile.

Após o golpe militar do general Augusto Pinochet Ugarte e a morte do seu tio Salvador Allende, em 1973, o clima de pânico obrigou-a a abandonar o Chile com a família e então refugiou-se na Venezuela. Em Caracas, trabalhou como repórter do jornal *El Nacional* e como professora de idiomas em uma escola pública. Escreveu histórias infantis, além de algumas peças teatrais. Depois de se divorciar do primeiro marido, Miguel Frías, Isabel Allende mudou-se para a Califórnia (EUA), onde, em 1988, se casou com o americano Willie Gordon.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



A renomada escritora atribui seu êxito ao célebre poeta chileno Pablo Neruda que em 1973 aconselhou-a a abandonar seu trabalho como repórter para se dedicar a escrever livros de ficção. Seu primeiro romance, *La Casa de los Espíritus* (1982), foi bem recebido pela crítica, inserindo o nome de Isabel Allende na tradição literária do realismo mágico de Gabriel García Márquez. As crônicas familiares misturadas à política também deram o tema ao seu romance seguinte, *De amor y de sombra* (1984). Seguiram-se *Eva Luna* (1987), *Historias de Eva Luna* (1989), *El plan infinito* (1991), *Hija de la fortuna* (1998), *Retrato en sepia* (2000), *La ciudad de las bestias* (2002), *El reino del dragón de oro* (2003), *El bosque de los pigmeos* (2004), *El Zorro: Comienza la leyenda* (2005), *Inés del alma mía* (2006), *La isla bajo el mar* (2009), *El cuaderno de Maya* (2011), *El juego de Ripper* (2014) e *El amante japonés* (2015).

Sua fama de escritora, aliada à sua condição de refugiada, fizeram dela palestrante requisitada nos Estados Unidos e Europa. Além de seu trabalho como escritora, também dedica grande parte de seu tempo aos direitos humanos. Em 1992, após a morte da sua filha Paula, criou a fundação caritativa dedicada à proteção e ao poder de mulheres e crianças em todo o mundo. Foi também professora universitária de literatura na Universidade de Berkeley. Atualmente, é considerada a mais famosa romancista contemporânea da América Latina.

Neste trabalho iremos examinar a representação do universo feminino e sua evolução na literatura, bem como ressaltar aspectos que caracterizam as obras de Allende. Também analisaremos a representação da protagonista Analia Torres no conto “Cartas de un amor traicionado”, discutindo como o universo feminino é problematizado pela autora. Por último, apresentaremos uma análise da estrutura e dos elementos narrativos que compõem o conto.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Isabel Allende utiliza diferentes mecanismos em sua escrita que nos permite identificar o quão marcante podem ser as representações de situações externas, uma vez que suas narrativas estão estruturadas na arte de contar histórias apropriando-se de temas, técnicas e estilos do gênero popular. Canello (2008) observa que a própria autora afirma que grande parte de sua memória crítica consiste em focar mulheres fortes, decididas a enfrentar e superar qualquer obstáculo, paixões incontroláveis, justiça, senso de honra, amizade, dor, morte, violência.

Canello (2008) ressalta que na reportagem “Isabel Allende, uma peregrina – um sucesso mundial além da crítica”: “Allende costuma dizer que deixa a análise de sua obra a cargo dos



críticos, ela prefere contar histórias.” A jornalista também discute o êxito de Allende, apesar da recepção da crítica nem sempre ser favorável. Em sua opinião:

Gostem os críticos ou não, uma receita de sucesso, com dezenas de milhões de livros vendidos. E como provam também pequenos registros da popularidade da escritora em função das personagens femininas marcantes na vida de muitas leitoras duas décadas após, depois da sessão de autógrafos em Porto Alegre, foi inaugurada na capital a loja de roupas Eva Luna, personagem-título do terceiro livro da escritora. A proprietária da loja, que já é dona de outra loja Eva Luna em Salvador, explica a homenagem. – “Isabel Allende é uma autora que eu adoro, e Eva Luna evoca essa coisa de heroína que, como mulher, todas somos um pouco”. (ROCHA, 2007, p.8).

O fragmento acima nos mostra que apesar das opiniões desfavoráveis de alguns críticos, a autora peruana conquistou um grande público leitor e que suas personagens femininas são marcantes, tal como Eva Luna. O público, sobretudo feminino, se identifica com as personagens de seus romances, independentemente das avaliações da crítica literária. Por sua linguagem dinâmica e atraente, a autora alcança leitores de diferentes níveis culturais e idades, praticando seu saber incomparável: contar histórias. Devido ao sucesso de vendas de seus livros, Allende é reconhecida como escritora de *best-seller*. Boa parte das histórias que escreve é originada de suas experiências pessoais em diferentes fases de sua vida. Também abarca em seus romances situações políticas e sociais que marcaram seu país de origem. A autora comenta que:

Não herdei os poderes psíquicos de minha avó, ela, no entanto, abriu-me a mente aos mistérios do mundo. Penso que tudo é possível. Ela assegurava que a realidade tem múltiplas dimensões, e para entender a vida não seria prudente confiar apenas na razão e em nossos limitados sentidos; há outras ferramentas de percepção, como o instinto, a imaginação, os sonhos, as emoções e a intuição. Instruí-me no realismo mágico muito antes que o *boom* da literatura latino-americana pusesse-o na moda. Isso teve serventia em meu trabalho, pois enfrento cada livro com o mesmo critério que ela seguia na condução de suas sessões [...]. Os personagens literários, como os espíritos que atendiam o chamado de minha avó, são seres frágeis e assustadiços; devem ser tratados com prudência para que se sintam à vontade nas páginas dos livros. (ALLENDE, 2003, p. 92).

Nesta citação, a escritora chilena reconhece a importância dos ensinamentos de sua avó, os quais influenciaram sua produção literária. Allende também insere sua obra no âmbito do realismo mágico, destacando que fazia parte desta vertente antes de ela estar na moda com o chamado *boom* da literatura latino-americana. Além disso, a autora desvela o processo de criação de seus personagens, comparando-os com os espíritos que ajudavam sua avó. Acreditamos que uma das principais contribuições de Allende reside na construção de personagens femininos fortes o que nos permite ter acesso a esse universo de diversas perspectivas. Para entender melhor essa questão, a seguir apresentaremos uma breve exposição sobre a representação da mulher na literatura.



De acordo com Zolin (2009), em seu texto “Os estudos do gênero e a literatura”, desde a década de 1960, com o desenvolvimento do pensamento feminista, a mulher vem se tornando objeto de estudo em diversas áreas de conhecimento. Segundo a estudiosa, o estereótipo feminino negativo largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher. A escritora trabalha sob a perspectiva de desconstrução do caráter discriminatório de gênero, o qual foi expandido pela cultura, objetivando a conscientização a fim de modificar a condição subjugada da mulher e possibilitar a igualdade entre homens e mulheres.

Zolin (2009) comenta que Marie Olympe Gouges, uma das ativistas da Revolução de 1789, defende a ideia de que as mulheres devem ser donas de sua identidade, assim como ter todos os direitos que o homem tem ou quer para si, inclusive, o de propriedade e liberdade de expressão. Entretanto devem ser conscientes e estarem preparadas para assumir responsabilidades que também cabem aos cidadãos do sexo masculino.

As mulheres sofrem constantes danos econômicos, psicológicos e sociais. Essa situação pode ser vista de maneira rotineira em nossa sociedade. Sabemos que ainda há mulheres que recebem salário inferior aos homens por serem consideradas frágeis e até mesmo incapazes de executar a mesma tarefa realizada por um homem. Esses estereótipos são propagados por nossa sociedade machista e excludente. Em combate a essa problemática, a ativista defende uma educação mais efetiva para as mulheres, na qual seja possível valer-se do potencial humano e possibilite que se libertem da pecha de submissão e pressão, de modo que se tornem cidadãs, como lhes é de direito.

O feminismo organizado somente teve visibilidade nos Estados Unidos e na Inglaterra por volta da segunda metade do século XIX quando Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony e Lucy Stone, com o apoio de outras ativistas, conseguiram o direito de voto para as mulheres americanas em 1920.

Já no Brasil, o feminismo desenvolveu-se ao lado dos movimentos em prol da abolição dos escravos e da proclamação da República. Somente com a publicação do livro *Direito das mulheres e injustiças dos homens* (1832) da republicana e abolicionista Nísia Floresta Brasileira Augusta, começou uma discussão sobre os ideais da mulher de igualdade e independência, baseados no direito à educação e à vida profissional. Como consequência dessa primeira fase do feminismo muitas mulheres tornaram-se escritoras, romperam o silêncio e publicaram textos de alto valor literário, denunciadores da opressão feminina.

A escritora e ensaísta inglesa Virgínia Woolf (1882-1941) também foi considerada uma importante precursora da crítica feminina, uma vez que fomentou ideias que impulsionaram um



novo olhar em relação ao tema “mulher e literatura”. Ela comenta que é preciso que as mulheres saltem, ainda, uma série de obstáculos, ignorando o olhar de reprovação, ou seja, que desocupem o posto de frágeis e indefesas, que mostrem sua garra e sejam indiferentes a críticas destrutivas e repressoras. Segundo Beauvoir (1980) cabe à mulher reverter os papéis ao recusar os desmandos que lhe são impostos pelo homem. Assim, ela torna-se o sujeito e o opressor converte-se em coisa.

Tendo em vista essas considerações teóricas, acreditamos ser possível ver Isabel Allende como símbolo de criatividade e renovação na literatura, especialmente no que se refere à representação do universo feminino. Afinal, muitas de suas obras problematizam a experiência da mulher, discutindo o preconceito e a desigualdade de gênero, entre outros temas.

ESTUDO ANALÍTICO

O conto “Cartas de um amor traicionado” está estruturado em quatro partes que se organizam em torno das diferentes etapas da vida da protagonista, Analia Torres. Primeiramente, aparece a infância, período em que ela reside até os seis anos no interior, na casa de seu tio Eugenio. Em seguida, surge a juventude/adolescência. Nesse momento, ela sai do campo e vai morar na cidade, ou melhor, no convento, residindo ali até os dezoito anos. Posteriormente, apresenta-se a sua fase adulta, na qual a protagonista apaixona-se, casa-se com Luís Torres e tem um filho. Por último, aborda-se a sua maturidade quando ela fica viúva e conhece o professor de seu filho. É nesta fase que Analia encontra o grande amor de sua vida e realiza-se profissionalmente.

O conto relata a história de uma menina que fica órfã após a morte da sua mãe, a qual morreu de uma febre delirante quando deu a luz. O seu pai, por sua vez, devido à tristeza de perder sua esposa, comete suicídio. Assim, Anália, filha desse casal, fica sob a guarda do tio Eugenio até os seis anos.

Quando alcança idade para ir à escola ela é enviada para um convento na capital onde passa doze anos de sua vida. A garota era cuidada pelas freiras e vivia sob constante vigilância. No entanto, sentia-se muito sozinha. De acordo com o narrador, o silêncio era sua única companhia e lhe despertava o sentimento de abandono, pois era a única que não recebia visitas nem tinha qualquer contato com seus familiares. Seu tio Eugenio Torres a cada seis meses enviava-lhe um bilhete recomendando-lhe comportar-se bem e pedindo que honrasse a memória de seus pais que eram cristãos, alegando que estes ficariam felizes se ela dedicasse sua vida à religiosidade tornando-se freira. Contudo, ela se recusa a seguir uma vida pautada nas ideologias do tio.



A primeira visita do tio de Analia foi realizada quando ela completou dezesseis anos. Eugenio se admirou ao ver que a sua sobrinha já não era aquela pequena menina, mas sim, uma jovem que lhe pareceu ter boa aparência, ser bonita e saudável. Conversando com ela comentou que iria cumprir o que lhe havia prometido em sua última carta: dar-lhe uma quantia mensal para seus gastos. Imediatamente ela questionou-o se tudo que seus pais lhes haviam deixado se resumia a cem pesos. Ele respondeu que não se preocupasse, pois a cada ano aumentaria a quantia que lhe dava e que continuaria a cuidar das terras. Não satisfeita com o que ouviu, informou-lhe que ele não seguiria fazendo tudo isso, porque quando ela se casasse iria ser a responsável por suas terras. Surpreso e nervoso por ter ouvido tal resposta demonstrou não entender a razão daquele comentário. A Mãe tentou acalmá-lo e disse que a revolta da menina se devia ao fato do escasso contato com os familiares durante esses anos.

Em menos de trinta dias, Eugenio voltou ao colégio para pedir que a Mãe permitisse que o seu filho, Luís Torres, escrevesse cartas para Analia Torres porque seria uma forma de tentar aproximar-se. Dessa maneira, ela passou a receber cartas, mas antes de entregá-las a menina, a Mãe Superiora lia-as para inteirar-se dos assuntos de suas conversas. Inicialmente, escreviam sobre a vida no campo, poetas, livros, mas depois de algum tempo começaram a escrever sobre amor, utilizando um código secreto. Assim, somente os dois entenderiam suas conversas. Essas cartas representavam a sua única possibilidade de liberdade, de sentir-se viva. Durante esse período permitiu apaixonar-se.

Ao completar dezoito anos, casou-se com Luís Torres, idealizando o amor construído através de dois anos de trocas de cartas. Porém, logo percebeu que cometeu um engano, pois o seu marido era machista. Entre o casal não havia uma verdadeira intimidade. Passou, então, a repudiá-lo. Rezava para que esse sentimento fosse apenas uma fase, mas não houve melhoras na relação e passou a odiá-lo. Além disso, sentia-se frustrada por ter seus bens e não poder geri-los, visto que seu marido administrava todas suas propriedades. Quando tentava opinar, sugerir algo para o avanço dos negócios Luís e Eugenio pareciam ouvi-la, mas na prática não levavam em conta suas contribuições. Em suma, Anália estava submissa às decisões dos homens.

Algum tempo depois do casamento, Analia teve um filho, mas isso não melhorou seu relacionamento. Por isso ela procurava distanciar-se de Luís ao máximo. Entretanto, após seu filho completar um ano, foi obrigada a atender o desejo do seu marido e mesmo contra sua vontade teve relações sexuais com ele, apenas para satisfazê-lo.

Essa embaraçosa relação foi complicando-se ainda mais. Passaram-se sete anos e a



convivência entre ambos tornou-se um martírio, uma vez que se transformaram em verdadeiros inimigos. Contudo, durante as atividades sociais, tratavam-se de maneira respeitosa e com cortesia exagerada.

Mesmo sofrendo, Analia Torres mantinha-se forte, cuidava do seu filho e decidiu ensinar-lhe rudimentos de escrita, aritmética e também o gosto pela leitura. Ao completar sete anos seu pai quis mandá-lo para o colégio na capital, a fim de que tivesse uma educação mais formal e ficasse longe dos mimos da mãe. No entanto, Anália se opôs com bravura e ele acabou aceitando matriculá-lo em uma escola no próprio povoado.

Passado alguns meses o menino obteve bom rendimento escolar e Analia como mãe, ficou orgulhosa e colecionava as qualificações do filho como se fossem tesouros. Uma forma de parabenizá-lo por seus bons resultados era dar frascos de geleias e cestas de frutas para toda a turma. Ela fazia de tudo para mantê-lo por perto e ao mesmo tempo tentava não pensar que dentro de alguns anos teria que mandá-lo para o colégio da cidade onde somente poderia vê-lo durante as férias.

Em uma noite de festa no povoado, Luís havia bebido de maneira excessiva e resolveu dar piruetas em um cavalo para exibir sua habilidade de montador diante de um grupo de companheiros, porém o animal lançou-o ao chão e deu-lhe uma patada nos testículos. Nove dias após esse trágico acidente ele não resistiu e morreu gemendo de dor. Ao lado do morto, estava Anália chorando e culpando-se pelo amor que não soube dar, mas, paradoxalmente, pela primeira sentiu-se aliviada porque não teria que continuar rezando para que ele morresse. Luís foi enterrado na propriedade onde vivia. Antes de sepultá-lo a viúva comprou um vestido branco e guardou-o no fundo de sua mala para que não fosse descoberto. Em público, apresentou-se de luto, com o rosto coberto para que ninguém pudesse perceber a expressão de seus olhos. Ela passou o funeral de mãos dadas com seu filho e ambos estavam vestidos de preto.

Ao término do funeral, seu tio Eugenio propôs que ela cedesse suas terras e fosse embora com seu filho para viver na cidade com suas rendas para que tentassem ser felizes, argumentando que ali ele poderia terminar os estudos e ambos teriam a oportunidade de esquecer seus sofrimentos. Ela discorda de seu tio e diz que iria continuar vivendo no povoado com o seu filho e que ele iria ajudá-la no campo. Agora seria uma nova mulher: livre, independente e autônoma.

Para organizar sua nova vida, Anália nas primeiras semanas queimou os lençóis que havia dividido com seu marido e mudou sua cama para o quarto principal. Também estudou os livros de administração da sua propriedade. Sentindo-se segura contratou um capataz para que cumprisse



suas ordens sem questionamentos. Quando decidiu que estava tudo resolvido procurou o vestido branco que havia comprado e foi buscar seu filho na escola do povoado. Também levou debaixo do braço uma caixa de chapéus com todas as cartas recebidas em seu internato.

Chegando à escola encontrou-se com seu filho e pediu-lhe que a apresentasse ao seu professor. Em seguida solicitou que o garoto saísse porque tinha um assunto particular para tratar com ele. Ao encontrá-lo cumprimentou-o e ele imediatamente agradeceu as frutas e doces que ela mandava. Anália esclareceu que veio cobrar-lhe a perda de onze anos de sua vida. Ele ficou nervoso, gaguejou e perguntou-lhe como havia percebido que as cartas de amor eram suas. Ela disse-lhe que desde o início de seu casamento soube que aquelas cartas não haviam sido escritas por Luís e quando recebeu as notas do seu filho reconheceu a letra das missivas. O professor explicou a Anália que inicialmente sua intenção era apenas fazer um favor ao seu amigo Luís, dado que ele havia solicitado a escrita das cartas. Em sua concepção isso não lhe parecia uma atitude errada. Ele afirma que os melhores de sua vida foram o período em que trocaram cartas. Perguntou se ela desculpava-o e sua resposta foi que dependeria dele. Por fim, saíram juntos de mãos dadas caminhando pelo pátio da escola.

Depois dessa apresentação da trama do conto, destacaremos algumas características dos personagens. Primeiramente, nos deteremos na protagonista Anália Torres, a qual era solitária, mas muito esperta e bonita. No começo da história, ela vive submissa às determinações de seu tio e caprichos de seu marido, mas vai evoluindo enquanto personagem ao longo da história. O sofrimento ajuda-lhe a ser valente, decidida e segura em suas ações. Com inteligência e sabedoria consegue vencer as adversidades e alcançar sua sonhada independência.

Em contrapartida, os antagonistas são Eugenio Torres, tio de Anália Torres, e Luís Torres, filho de Eugenio, primo e marido da protagonista. Já os secundários são a mãe e o pai de Anália Torres, uma índia empregada, a Madre Superiora, o filho de Anália, o capataz e o professor.

Eugenio é um personagem egoísta, seco, ambicioso, invejoso, oportunista e machista. No final da história é explicitado que ele tem setenta anos. Já a Madre Superiora é curiosa e vigilante, sendo a responsável pela censura no convento. Luís Torres é descrito como um homem de boa aparência, com um rosto simpático, boca pequena, barba escura e bem cuidada. Tem olhos claros e sobrancelhas grossas vazias em expressão. Segundo o narrador, ele se parecia um pouco com os santos da capela, além de ser bonito e elegante. No começo do conto mostra-se gentil e algumas vezes divertido. Contudo, depois demonstra sua verdadeira personalidade: seco, machista, grosso, ignorante, violento, amargo, vazio, alcoólatra e mulherengo. Por sua vez, o professor é apresentado



como inteligente e sensível. Também somos informados de que usava muletas. Sobre o filho de Anália não há muitos detalhes, pois sabemos apenas que era estudioso e tirava boas notas.

Devido à presença de alguns marcadores temporais presentes no conto, podemos inferir que o tempo do relato é cronológico. A história inicia-se no campo, onde Anália Torres é cuidada até os seis anos no quarto de serviços da casa do seu tio e quando alcança idade para ir estudar é enviada para o Colégio das Irmãs do Sagrado Coração, conforme já assinalamos. Anália vive ali até os dezoito anos. No relato também são mencionados outros espaços: a capela, os corredores vazios, os pátios sombrios, escritório do colégio, a biblioteca, o quarto, a clínica, a escola do povoado, a sala de aula, o corredor do colégio e o pátio da escola do povoado, entre outros.

Notamos que a ação narrativa se passa em dois grandes espaços. Afinal, a história começa no *campo* (interior) e vai para a *cidade* (capital). Os acontecimentos ocorrem em um ciclo: campo-cidade e cidade-campo. Em suma, o relato começa e termina no campo. Os espaços podem ser subdivididos em físico, psicológico e social. O primeiro corresponde à propriedade da família Torres; o Colégio das freiras; o povoado e a escola. Já o segundo está relacionado às suas emoções, pois a protagonista apresentou diversos sentimentos nos locais que frequentou, os quais sinalizam o seu amadurecimento e culminam com sua independência. Por sua vez, os espaços sociais com os quais Anália teve contato nos fazem refletir sobre a sua sociedade, dado que tanto no convento quanto na fazenda ela seguia rígidas regras e era excluída das decisões sobre sua vida. Além disso, por ser mulher é vista como um objeto e não um sujeito, um reflexo do machismo que predominava em seu grupo social. Nessa ótica, o universo da protagonista é problematizado, bem como sua condição feminina.

Cabe frisar que o foco narrativo do relato está na terceira pessoa. Desse modo, podemos classificar o narrador em onisciente porque ele aparenta saber tudo o que acontece na história, inclusive, os pensamentos dos personagens.

Há muitos temas abarcados no conto analisado. Entre eles, destaca-se a solidão de Anália Torres. Para suportá-la, ela se refugia na leitura e na escrita que lhe permite sair do real e imaginar, idealizar, criar e fantasiar um mundo mágico capaz de despertar-lhe curiosidade, desejos e vontade de viver para fazer a diferença. Outro assunto que identificamos é a hipocrisia, uma vez que em casa não existia respeito, união, diálogo, amor e muito menos felicidade entre Anália e Luís, mas, diante da sociedade, eles tentavam manter uma imagem de família unida e conservadora. A mentira também é abordada no relato, visto que as cartas não foram escritas por Luís, mas sim por seu amigo professor. O machismo é ressaltado no conto de várias maneiras, tais como: a falta de voz da



protagonista que, inicialmente, não pode intervir nem opinar e tinha que manter-se afastada dos negócios para dedicar-se apenas a família e as tarefas domésticas; e as atitudes controladoras de seu tio e de seu marido. Por último, mas não menos importante, a perseverança, pois após a morte de Luís, Analia passa a viver uma nova fase da sua vida, decide estudar e administrar seus bens, mostrando-nos ser uma mulher guerreira e sábia que conseguiu vencer as adversidades, principalmente, o machismo.

O título do conto, “Cartas de un amor traicionado”, refere-se às cartas que Anália Torres recebia no convento, as quais não eram escritas por Luís Torres, seu futuro marido. Como vimos, ela foi enganada e somente descobriu a verdade depois de estar casada. Viveu um pesadelo, uma vida conjugal sem diálogo e sem respeito. Porém, manteve-se firme e conseguiu alcançar sua independência no final do relato.

CONCLUSÕES

Ao finalizar esta análise é fácil entendermos o porquê de Isabel Allende ser considerada a mais famosa romancista contemporânea da América Latina, pois percebemos que sua escrita é uma arte que permite o encontro de muitos leitores com suas histórias por tratar de temas que permeiam a nossa realidade de uma maneira original. O conto “Cartas de un amor traicionado” retrata o sofrimento e a superação da protagonista Analia Torres, que pode servir-nos como referência para enfrentarmos e combatermos a desigualdade entre os sexos, para mostrar-nos que a mulher é guerreira, tão capaz quanto o homem, que deve ter seu espaço na sociedade, ser reconhecida como uma cidadã, ter direitos como qualquer outro ser humano, ser livre para fazer suas escolhas e tomar suas decisões. Nessa perspectiva, ler as histórias de Allende é um caminho para entender sobre direitos e deveres; para adentrar-nos em universos culturais diferentes do nosso. Suas palavras nos despertam curiosidade, emoção, nos fazem ansiar por um mundo melhor e mais justo.

Através do conto estudado foi possível reforçarmos a ideia de que a mulher deve seguir lutando por seus ideais, ser vista como sujeito e cidadã visível, que precisa ter não somente deveres, mas também direitos: a liberdade de expressão, as escolhas, ser dona de sua vida e de suas vontades. Neste relato, observamos que Allende problematiza o espaço que a mulher ocupa na sociedade latino-americana, marcada pelo machismo.

Percebemos que no conto a representação do universo feminino configura-se na trajetória de Analia Torres. Inicialmente, o narrador nos mostra que ela ocupava a condição de *mulher-objeto*,



marcada pela submissão, resignação e falta de voz. Assim, ela estava em condição subjugada, primeiro por seu tio e depois por seu marido. No entanto, ao longo da história torna-se evidente sua evolução. Primeiro, ao discordar de seu marido e de seu tio e depois conseguindo impor sua vontade e fazê-los ver que tinha o direito de tomar suas decisões e fazer escolhas, mostrando-lhes que era capaz de administrar seus bens. Desse modo, a protagonista alcança a posição de *mulher-sujeito*, demarcada pela insubordinação e poder de decisão. Portanto, sua trajetória nos mostra claramente sua transformação de *mulher-objeto* para *mulher-sujeito*, ou seja, ela deixa de ser invisível, submissa e dependente, passando a ser vista e ouvida, livre e independente. Nesse sentido, Allende construiu mais um de seus personagens femininos emblemáticos, explicitando que o universo da mulher não se restringe aos trabalhos domésticos, pois ela pode atuar onde quiser.

REFERÊNCIAS

ALLENDE, Isabel. *Cuentos de Eva Luna*. Buenos Aires: Debolsillo, 2013.

Cuentosinfín: Biblioteca de cuentos y relatos. Disponível em: <<http://www.cuentosinfín.com/category/isabel-allende/>> Acesso em: 10 jul. 2016.

CANELLO, Marilene. *Isabel Allende entre a arte e o mercado: Inés del alma mía e El Zorro-comienza la leyenda*. Assis, 2008, 117 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

ZOLIN, Lucia Osana. Os estudos do gênero e a literatura. In: Thomas Bonnici, Lucia Osana Zolin (Orgs). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.

Web oficial da escritora Isabel Allende: *Sobre ella*. Disponível em: <<http://isabelallende.com/es/bio>> Acesso em: 10 jul. 2016.